

A EXTERIORIDADE METAFÍSICA DO “OUTRO” NA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO DE ENRIQUE DUSSEL

José Edemilson Pereira dos Anjos¹

RESUMO

O presente artigo propõe um estudo do desenvolvimento do conceito de Alteridade metafísica na Filosofia da Libertação de Enrique Dussel, seguindo o deslocamento de seu referencial epistemológico, do âmbito ontológico até a sua Ética da Libertação, influenciada pela filosofia de Emmanuel Levinas. A reflexão se desenvolve em torno de conceitos e categorias como “ontologia”, “totalidade” e “dialética”; “metafísica”, “exterioridade” e “analética”; “alteridade”, “diferença” e “distinção”, a partir de uma leitura crítica e contextualizada, referenciada na abordagem metodológica da hermenêutica filosófica e centrada nos escritos de Enrique Dussel. Pensar o tema da alteridade a partir da posição crítica da Filosofia da Libertação, na perspectiva apontada por Enrique Dussel, implica um ir além da constatação do outro como mera diferença. Exige a ruptura com a lógica do pensamento hegemônico (ontologia) como condição indispensável para a abertura a um novo pensar metafísico enquanto condição de possibilidade para a irrupção do outro como distinção (auto-revelação a partir da exterioridade).

Palavras-chave: Alteridade. Analética. Ética da Libertação.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo faz um breve apanhado do desenvolvimento do conceito de Alteridade metafísica na produção filosófica de Enrique Dussel², seguindo a própria trajetória de deslocamento do referencial epistemológico do filósofo, inicialmente referenciado na tradição do pensamento ontológico até a sua definitiva filiação ao horizonte do pensamento metafísico, sob a decisiva influência da Ética da Alteridade de Emmanuel Levinas.

Nesta perspectiva, o artigo se desenvolve em torno de conceitos e categorias como “ontologia”, “totalidade” e “dialética”; “metafísica”, “exterioridade” e “analética”; “alteridade”, “diferença” e “distinção”, a partir de uma leitura crítica e contextualizada, referenciada na abordagem metodológica da hermenêutica filosófica, tendo como principal

¹ Mestre em Educação e Contemporaneidade (UNEB), doutorando em Educação e Contemporaneidade (UNEB), j.edemilson@live.com.

² Nascido aos 24 de dezembro do ano de 1934, no povoado de La Paz, província de Mendoza (Argentina), Enrique Domingo Dussel Ambrosini, um dos mais representativos fundadores da Filosofia da Libertação, é reconhecido internacionalmente por sua vasta obra intelectual, por sua produtividade, pela abrangência e complexidade de seu pensamento, a qual se estende aos campos da Filosofia, Teologia e História. Vive no México desde 1975, de onde continua a sua obra em diálogo fecundo com outros filósofos de diversas nacionalidades e linhas de pensamento.

referencial teórico os escritos de Enrique Dussel, secundados por outros autores dedicados ao estudo de sua obra.

Pensar o tema da alteridade a partir da posição crítica da Filosofia da Libertação, na perspectiva apontada por Enrique Dussel, implica um ir além da constatação do outro como mera diferença. Exige a ruptura com a lógica do pensamento hegemônico (ontologia) como condição indispensável para a abertura a um novo pensar metafísico enquanto condição de possibilidade para a irrupção do outro como distinção (auto-revelação a partir da exterioridade).

Este artigo integra, parcialmente, a pesquisa bibliográfica com vistas à construção da tese de doutorado acadêmico em Educação e Contemporaneidade, vinculado à Linha de pesquisa 1 “Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural”, do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A pesquisa em andamento conta com o financiamento do CNPq e está articulada com o “Grupo de Pesquisa sobre Pensamento e Contemporaneidade”, coordenado pelos Prof. Dr. Luciano Costa Santos e pela Profa. Dra. Sueli Ribeiro Mota Souza.

2 “DIFERENÇA” E “DISTINÇÃO”: O OUTRO COMO LIVRE E INCONDICIONADO

Na década de 1960, Enrique Dussel assumira o desafio de pensar a identidade cultural da América Latina e o modo de participação desta na História “universal”. Buscava uma interpretação crítica da história latino-americana (pré-colombiana, ameríndia, colonial e “moderna”), resultante do choque de civilizações proporcionado pelo confronto de dois mundos distintos, o europeu e o ameríndio, ocorrido mediante um duplo processo de colonização e evangelização.

Dussel, por um lado, situava a América Latina como um momento particular da História (Totalidade representada pela civilização ocidental europeia), o que conferia universalidade a uma narrativa particular da história da Europa³. Por outro, identificava o “núcleo ético-mítico” cultural⁴ latino-americano a partir de uma perspectiva culturalista essencialista, de modo que permaneciam encobertas as contradições e assimetrias existentes, seja no interior de determinada “cultura” (tomada como unidade) seja nas relações

³ Pretensão de universalidade que será retomada como objeto de crítica em vários escritos de Enrique Dussel, posteriores à criação da Filosofia da Libertação.

⁴ Postura decisivamente influenciada pela perspectiva hermenêutico-filosófica proposta por Paul Ricoeur.

estabelecidas pelas diversas culturas entre si. Seu intento, comprometido com a visão eurocêntrica e essencialista de história e cultura, encontrava-se, portanto, fundamentalmente vinculado ao pensamento ontológico.

A virada epistemológica ocorre em 1971, com a leitura de “Totalité et infini”, livro de Emmanuel Levinas. Sua crítica à tradição ontológica se desenvolve a partir do emprego dos conceitos “metafísica” e “exterioridade” (tendo-os apropriado da compreensão levinasiana) aos níveis histórico-concretos das lutas de libertação realizadas na América Latina. São dados os primeiros passos em direção à fundação da Filosofia da Libertação⁵. Desse modo, metafísica (*metá*, do grego, significa “além”), no sentido empregado pelo nascente discurso filosófico da libertação significa

[...] o saber pensar o mundo desde a exterioridade alterativa do outro. E saber pensar não só a negatividade do ente que dá lugar à novidade ôntica em seu remontar à origem do mundo, ao fundamento, ao ser. É saber pensar o mesmo ser desde a exterioridade que o julga [...] Metafísica é saber pensar o sistema, o mundo, a partir da negatividade ontológica (já que a negatividade de um Adorno, por exemplo, termina sempre por afirmar o ser, o ontológico, embora seja como utopia futura). Nós, ao contrário, negamos o próprio ser e sua utopia, em nome não de uma utopia futura, mas de uma utopia presente: os povos periféricos, as classes oprimidas, a mulher e o filho. (DUSSEL, 1977c, p. 54).

Como se vê, a categoria “exterioridade” está compreendida no conceito da metafísica e ambos se encontram em relação antagônica com a noção de totalidade ontológica. Exterioridade indica “o âmbito onde o outro homem, como livre e incondicionado por meu sistema e não como parte de meu mundo, se revela” (DUSSEL, 1977c, p. 47). É, portanto, o “para onde” transcende o pensamento metafísico, em seu ir “além de”: é o “fora” da abrangência da totalidade, da determinação de seu fundamento.

Dussel considera “exterioridade” como a mais importante categoria da Filosofia da Libertação, no sentido de que fornece um instrumental interpretativo apropriado para o começo de um discurso filosófico pronunciado a partir dos oprimidos. Isto porque, ao contrário da lógica da totalidade, que elabora o seu discurso a partir da identidade até a diferença, a lógica da exterioridade

estabelece seu discurso a partir do abismo da liberdade do outro. Essa lógica tem outra origem, outros princípios: é histórica e não evolutiva; é analética e não meramente dialética ou científico-fática, embora assumas ambas. (DUSSEL, 1977c, p. 48).

⁵ “El ‘pasaje’ del capítulo 2 al 3 del Tomo I de mi obra ‘Para una ética de la Liberación’, escrita en 1970, – publicada en 1973 –, indicaba ya el tránsito de la ontología heideggeriana a la cuestión de la alteridad, el otro, que era ya el comienzo del discurso de la filosofía de la liberación” (DUSSEL, 1994, p. 9).

Na década de 1970, persistia um impasse metodológico⁶ a ser resolvido. A distância mantida entre a reflexão dos filósofos da libertação e o pensamento crítico proveniente “do centro” podia ser demonstrada pela diferença no enfoque das problemáticas abordadas por ambas as partes: uma “questão metafísica”, intrínseca ao método dialético, supunha a superação do próprio método dialético pela Filosofia da Libertação: superação *meta*-física (porque transcende a totalidade; vai “além”, até a “exterioridade”) e *ana*-lética (porque escuta as interpelações que se elevam desde a exterioridade) a partir da qual o “outro” não seja fundado na “diferença” com relação à identidade, mas possa se revelar como “distinto” (“Outro”), posto que se encontra livre das determinações da totalidade.

Antes de avançarmos na questão do método, terá alguma importância voltarmos alguns passos, até o horizonte ontológico. Ontologia é o âmbito a partir do qual o ser humano pensa filosófica ou cientificamente os entes desde o horizonte de sentido do ser⁷, como fundamento e identidade. A categoria “totalidade”, por sua vez, exprime a noção de unidade da pluralidade. Em termos ontológicos, portanto, “totalidade” delimita o âmbito no qual a pluralidade dos entes (a diferença, ao nível ôntico⁸) participa da unidade (a identidade, ao nível ontológico). Desse modo, pode-se afirmar que a ontologia, enquanto lógica da totalidade, “estabelece seu discurso desde a identidade ou fundamento para a diferença” (DUSSEL, 1977c, p. 48):

A origem da diferença dos entes é a determinação do ser do sistema, do mundo. A diferença dos entes indica, com relação ao fundamento, dependência; com relação aos outros entes, negatividade; um não é o outro, são diferentes. A totalidade dos entes ou partes diferentes se explica ou se fundamenta na identidade do ser do todo. Ser, identidade e fundamento é o de-onde surge o ente, a diferença e a dependência. (DUSSEL, 1977c, p. 32).

Visto que o movimento próprio da dialética “é um atravessar (*dià*-) diversos horizontes ônticos para chegar de totalidade em totalidade até a fundamental” (DUSSEL, 1977c, 162), o método dialético, por sua lógica intrínseca, enclausura o pensamento na totalidade, impedindo-o transitar até a “exterioridade” (âmbito de indeterminação e liberdade em relação ao fundamento ontológico). Por isso, o método dialético poderia alcançar “até o horizonte

⁶“Poco a poco pudimos ver que se trataba de una cuestión metafísica de fondo que redefinía totalmente el ‘punto de partida’. El marxismo ortodoxo, la misma Escuela de Frankfurt, Ernst Bloch, y hasta el Sartre de la *Crítica de la razón dialéctica*, usaban un método dialéctico, pero una dialéctica negativa, ontológica, al fin afirmaban al sistema, aunque fuera en su potencialidad futura, utópica, la mismidad como en potencia en relación a la que estaba ya dado en acto. ‘Lo mismo’ (*tó autó*, que tanto habíamos trabajado en nuestra *Ética*) venía a subrepticamente imponerse de nuevo en nombre de la crítica, la revolución, etc.” (DUSSEL, 1983, p. 94-95 – grifos do autor).

⁷ Horizonte do ser enquanto o âmbito de inteligibilidade (clareza proveniente da luz do ser) no qual todas as coisas (ao nível ôntico) se dão à compreensão (nível ontológico).

⁸ “A ontologia significa o corpo de conhecimento organizado sobre as formas diferentes que as entidades são, enquanto ‘ôntico’ se refere às formas reais que seres individuais são” (SCHMIDT, 2013, p.92).

fundamental do mundo. A partir daí, só restava retornar sobre os entes para de-monstrá-los” (DUSSEL, 1977a, p. 93) como idênticos ao mesmo: “‘O Mesmo’ (*tò autó, das Selbe, le Mème*) indica que a partir de dentro, da interioridade, da própria identidade, procedem os momentos diferenciais” (DUSSEL, 1977a, p. 93).

Assim, quando “o outro” é visto a partir do interior da totalidade, sua alteridade é explicada como “diferença”, determinada por sua negatividade em relação ao fundamento. E, desse modo, “o outro” se torna o não-idêntico: como *não-ocidental* ou *não-europeu* (as civilizações e culturas asiáticas, africanas e ameríndias); como *não-homem* (a mulher); como *não-adulto* (a criança); como *não-branco* (as populações autóctones dos territórios conquistados e explorados pelo imperialismo). Daí que, desde o âmbito desta onto-lógica, rege o princípio de identidade segundo o qual **O SER** (o senhor: o “centro”; o homem; o branco) **É**; o **NÃO-SER** (o escravo: a “periferia”; a mulher; o negro, o índio, o mestiço, o desempregado, o pobre excluído do sistema de mercado) **NÃO É**.

De outro modo, a manifestação do outro como “distinção” é indicativa da passagem do pensamento *para além* da totalidade; é, assim, revelação da alteridade metafísica porque o outro-distinto se revela desde a exterioridade do sistema. A revelação do outro como Outro comunica a experiência da alteridade como algo mais radical que a mera constatação da diferença (não-identidade):

“O Outro” como “o outro” di-ferente dentro da Totalidade “o Mesmo” é *parte* do mundo, do horizonte transcendental ontológico. “O Outro” como dis-tinto e exterior ao horizonte transcendental de “o Mesmo” pode propor, ao contrário, algo *novo* desde a sua exterioridade real. (DUSSEL, 1977a, p. 118 – grifos do autor).

Mais que uma transformação semântica, supõe a passagem de um horizonte de sentido (ordem ou sistema) a outro horizonte como superação *meta-física* da *onto-lógica* moderna. Manifesta o ponto de partida da Filosofia da Libertação quanto ao seu aspecto metodológico:

El método del que queremos hablar, el *ana-léctico*, va más allá, más arriba, viene desde un nivel más alto (*aná-*) que el del mero método *dia-léctico*. El método *dia-léctico* es el camino que la totalidad realiza en ella misma; desde los entes al fundamento y desde el fundamento a los entes. De lo que se trata ahora es de un método (o del explícito dominio de las condiciones de posibilidad) que parte desde el otro como libre, como un más allá del sistema de la totalidad; que parte entonces desde su palabra, desde la revelación del otro y que con-fiando en su palabra obra, trabaja, sirve, crea. El método dialéctico es la expansión dominadora de la totalidad *desde sí*; el pasaje de la potencia al acto de «lo mismo». El método analéctico es el pasaje al justo crecimiento de la totalidad *desde el otro* y para «servir-le» (al otro) creativamente. (DUSSEL, 1974, p. 182 – grifos do autor).

Posteriormente, à maneira de auto-crítica, Dussel passa a usar o termo “momento analético”⁹ ao compreender que não se trata, necessariamente, de um novo método, mas de uma modificação interna à lógica do próprio método dialético; momento analético, quando o outro se revela livre e incondicionado (o seu mistério), a partir de seu âmbito incompreensível, para além do horizonte ôntico-ontológico. A compreensão do outro como “distinto”, ou seja, a escuta da fala autêntica do outro como auto-revelação desde a sua liberdade incondicionada.

Assim, como discurso analético de libertação, a filosofia de Enrique Dussel se constitui como mediação crítica da revelação antropológica do Outro, o qual sendo exterioridade metafísica para o sistema é, antes de tudo, alteridade histórica, antropológica, social e popular. Através da mediação da Filosofia da Libertação, o Outro revela o seu rosto, nos níveis concretos da Ética da Libertação, como: a mulher oprimida enquanto o Outro na erótica machista; o filho ou filha, a juventude e o povo enquanto o Outro na pedagógica de dominação; o pobre explorado enquanto o Outro na política-econômica capitalista; e o Outro infinito enquanto negado pela fetichização da Totalidade que ocorre na negação do Outro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, anteriormente, que a noção de alteridade possui duas acepções correntes: uma enfatiza a “diferença” como sua essência; a outra, o caráter de “distinção”. A primeira acepção procede, como vimos, do âmbito ontológico onde a alteridade é constituída na diferenciação interna (isto é, dialeticamente) com relação a identidade, essência ou fundamento do sistema (totalidade). A segunda, por sua vez, remete à compreensão da alteridade como totalmente distinta, livre e incondicionada, constituída analeticamente desde um âmbito situado além (exterioridade) das determinações do fundamento do sistema.

Por fim, a Filosofia da Libertação se mostra como o pensar analético, sensível à escuta da palavra reveladora do Outro, que, desde a exterioridade dos sistemas, interpela por justiça. Neste sentido, é parte de sua tarefa crítica saber destruir os obstáculos que impedem a revelação do outro: i) preservar a atitude metafísica de um pensar que transcende os sistemas (totalidade); e, desse modo, pode ii) escutar a palavra reveladora do Outro, respeitando a sua

⁹ “En la primera edición de nuestra *Filosofía de la liberación* - Edicol, México, 1977 - habíamos hablado todavía, al igual que en la *Ética*, de un ‘método’ analético. Se quería subrayar el hecho de que el método comienza por la afirmación de la exterioridad, del más allá del Ser del sistema, del Otro, del pobre, del oprimido [...] En la segunda edición (USTA, Bogotá, 1980) cambiamos la palabra ‘método’ analético por ‘momento’ analético. Ahora, con mayor precisión pero sin variar el fondo, la afirmación de la exterioridad es un *momento*, el primero y originario, de una dialéctica no negativa sólo, sino positiva” (DUSSEL, 1983, p. 97 - grifos do autor).

liberdade (aqui mais que opções de escolha, liberdade é incondicionalidade); iii) comprometer-se com a libertação histórica do Outro nos níveis concretos (na erótica, na pedagógica, na política e na teológica) da existência cotidiana; iv) compromisso é que resposta às interpelações do Outro por justiça.

REFERÊNCIAS

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** 9. ed. [revista]. Tradução de Maria José J. G. se Almeida. São Paulo: Centauro, 2005.

DUSSEL, Enrique. **América Latina: dependencia y liberación.** Buenos Aires: Fernando García Cambeiro, 1973.

DUSSEL, Enrique. **Método para una Filosofía de la Liberación:** superación analéctica de la dialéctica hegeliana. Salamanca-Esp: Ediciones Sígueme, 1974.

DUSSEL, Enrique. **Para uma Ética da Libertação Latino-americana.** Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola; Piracicaba-SP: UNIMEP, 1977a. (Coleção Reflexão Latino-americana, Acesso ao ponto de partida da ética, vol. 2, tomo I).

DUSSEL, Enrique. **Para uma Ética da Libertação Latino-americana.** Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola; Piracicaba-SP: UNIMEP, 1977b. (Coleção Reflexão Latino-americana, Erótica e Pedagógica, vol. 2, tomo III).

DUSSEL, Enrique. **Filosofia na América Latina.** Tradução: Luiz João Gaio. 2. ed. São Paulo: Loyola; Piracicaba-SP: UNIMEP, 1977c. (Coleção Reflexão Latino-americana, Filosofia da Libertação, vol. 3, tomo I).

DUSSEL, Enrique. **Práxis latinoamericana y filosofía de la liberación.** Bogotá: Editorial Nueva América, 1983. (Colección Contestación, v. 10).

DUSSEL, Enrique. **Historia de la filosofía latinoamericana y filosofía de la liberación.** Bogotá: Editorial Nueva América, 1994b.

DUSSEL, Enrique. **Introducción a la filosofía de la liberación.** 5. ed. Bogotá: Editorial Nueva América, 1995. (Colección Contestación, v. 6).

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação (1965-1991).** Tradução de Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997. (Coleção Atualidades em diálogos).

DUSSEL, Enrique. En búsqueda del sentido (origen y desarrollo de una filosofía de la liberación). In: **Revista Anthropos: Huellas del conocimiento**, Espanha, n. 180, 1998c, p. 13-36.

DUSSEL, Enrique. **Filosofía de la cultura y la liberación**. Ensayos. Ciudad de México: UACM, 2006. (Colección Pensamiento Proprio).

MENDIETA, Eduardo. Política en la era de la globalización: crítica de la razón política de Enrique Dussel. In: DUSSEL, E. **Hacia una filosofía política crítica**. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2001, p. 15-39.

SÁNCHEZ MARTÍNEZ, Luis Manuel. Enrique Dussel en México (1975-1994). In: DUSSEL, E. **Introducción a la filosofía de la liberación**. 5. ed. Bogotá: Editorial Nueva América, 1995, p. 59-82.

SCHMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica**. 2 ed. Tradução de Fábio Ribeiro. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. (Série Pensamento Moderno).

VILLA, Mariano Moreno. Filosofia e pedagógica da libertação latinoamericana. Tradução de Geraldo Inácio Filho. In: **Revista Educação e Filosofia**, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, v. 8, n. 16, jul./dez., 1994, p. 183-205. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1033/938>. Acesso em: 29 mai. 2017.

VILLA, Mariano Moreno. **Cronología de Enrique Dussel**. Disponível em: <http://www.enriquedussel.com/txt/03cronos.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2018.